

O santuário do Padre Ibiapina: De sua origem ao apogeu do Turismo Religioso

Maria Luzinete Alves de Sales
Graduanda em Pedagogia – UEPB
Marli Gomes da Silva
Graduanda em História – UEPB
Orientador: Genes Duarte Ribeiro

Na primeira metade do século XIX, as terras de Santa Fé, hoje distrito pertencente ao Município de Solânea, eram do Major Antônio José da Cunha um abastado dono de engenho que residia no município de Areia. (Mariz, 1997)

Segundo Mariz (1997), no ano de 1866, apareceu naquela região um sacerdote que percorria os lugares e lutava por um ideal de trabalho caridade e fé. Esse homem foi o Padre José Antônio Maria Ibiapina, um cearense, a quem o Major Antônio José da Cunha, a pedido de sua esposa Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha, fez a doação de uma parte do seu patrimônio, doou ao sacerdote as terras de Santa Fé, juntamente com a casa grande sede da fazenda, o que consistia um patrimônio de grande valor econômico (Mariz, 1997).

De acordo com o autor, o Major Antônio José da Cunha faz a doação daquele patrimônio com o intuito de que o Padre Ibiapina, fundasse nas terras recebidas um hospital de caridade em favor das vítimas de uma epidemia de cólera que assolava a região naquele período.

Segundo Mariz (1997) foram construídos vinte e duas casas de caridade, espalhadas pelo Norte, atual Nordeste brasileiro, alguns, hospitais de emergências, instalados para socorrer as vítimas da epidemia de cólera. Feita a doação, a casa grande, sede da fazenda Santa Fé, uma construção antiga que juntamente com alguns artefatos das gerações que ainda estavam preservadas torna-se a parti de 1986 a mais organizada de todas as casas de caridade, Já fundadas pelo Padre Ibiapina em outras localidades do Brasil (Mariz, 1977).

A casa de caridade de Santa Fé, no município de Solânea, é um patrimônio histórico, porque segundo Lemos (2004), construções antigas e seus pertences representativos de gerações passadas recebem o nome genérico de “Patrimônio Histórico” (LEMOS, 2004, p.7).

De inicio a casa de caridade localizada no distrito de Santa Fé, no município de Solânea, serviu para abrigar os epidêmicos, e logo que desapareceram as epidemias, a casa transformou-se num abrigo onde alojava moças desamparadas, crianças

órfãs, viúvas e algumas pessoas que necessitassem de ajuda material ou espiritual (Mariz, 1977).

Segundo esse mesmo autor em 1877, uma grande seca assolou a região, o Nordeste viveu momentos dramáticos com sucessivas secas, jornais da época, como A Opinião, da capital da província da Paraíba, noticiavam quase que diariamente a situação do Nordeste diante da seca:

“Nos sertões as pessoas morriam pelo estado de abatimento com que recebiam algum alimento. A miséria veio juntar-se ao terror, aos assaltos constantes”.

(A Opinião, 1877)

“Em Mamanguape se amontoavam cerca de 400 emigrantes quase nus e abatidos. A miséria tem invadido todas as classes da sociedade tem morrido gente de fome. Pais têm abandonado seus filhos, deixando as ruas cheias de meninos e mulheres nuas”.

(A Opinião, 1877)

E nesse cenário desolador, que as casas de caridade do Padre Ibiapina, se tornaram tão importantes para essas pessoas, a cada dia chegavam um grande número de famintos no portão dessas casas em busca de ajuda. O fundador da casa de caridade, Pe. Ibiapina mediante tais circunstancias, juntamente com as beatas e os beatos (chamados de gedeões) pelo Padre Ibiapina iam a outros lugares em busca de alimentos e socorro aos flagelados e doentes (Mariz, 1977). Segundo esse mesmo autor, foi notória a ajuda em doações que receberam do Rio de Janeiro devido àquele ano de penúria. Ibiapina repartia as doações entre as pessoas que moravam na casa, fazia doações aos necessitados da redondeza e aos retirantes que por lá passavam (Mariz, 1977).

Antes de ser doada ao Padre Ibiapina a casa havia sido um “Patrimônio de valor aristocrático e privado”, quando pertencente ao Major Antônio José da Cunha (funari e Pelegrini. 2006, p.11)

De acordo com Mariz (1977), após ser doada, a casa de caridade de Santa Fé, passa a ser coordenada por irmãs/beatas, sob orientações do sacerdote, lá passaram a viver cerca de 200 pessoas, que ora trabalhavam no roçado (a maioria dessas casas possuía um sitio, terras agrícolas e fazendas de gado, constituindo um patrimônio considerável para a sua manutenção), ora eram pessoas que vinham a procura de ajuda espiritual e ali se abrigavam por alguns dias, a casa tornou-se um

patrimônio destinado ao uso coletivo, todos que necessitavam recorriam à casa de caridade. (Mariz, 1977)

Na casa de caridade, as moças desamparadas que lá chegavam recebiam instruções, aprenderam a cozinhar, ler e escrever e também aprenderam algumas técnicas, que lhes davam condições de sobreviver no meio em que viviam tais como o fabrico de farinha, de costura entre outros.

Esse conhecimento que as moças adquiriram na casa de caridade também é patrimônio segundo Lemos (2004), pois o patrimônio cultural se divide em três categorias de elementos, e dessa forma “O segundo grupo de elementos, refere-se ao conhecimento, as técnicas, ao saber e ao saber fazer” (Lemos, 2004, p.9)

É certo que ao longo do tempo muita coisa mudou em Santa Fé, após ser doada ao Padre Ibiapina, para uso coletivo, acrescentou-se à casa de caridade: Igreja, cemitério, casa de farinha e a casa residencial do padre.

Atualmente a casa não funciona como hospital de caridade, não abriga e nem instrui moças desamparadas, não serve mais para acomodar crianças órfãs ou abandonadas, hoje, a casa tombada pelo Patrimônio Histórico preserva a história que marcou sua época. A arquitetura do século passado foi restaurada mantendo-se originais todos os seus traços. Assim, como a casa de caridade, também foi tombada pelo Patrimônio Histórico, a casa onde residiu o Padre Ibiapina, a igreja e o túmulo onde jaz o padre fundador daquele local.

A casa não é mais sede da antiga fazenda Santa Fé, hoje é parte integrante do Santuário de Santa Fé. Não recebe hoje necessitados como na época em que foi fundada, recebe milhares de visitantes que engrossam cada vez mais o turismo religioso daquele local, para fortalecer esse turismo, a Diocese de Guarabira lançou o Projeto “Nos passos do Padre Ibiapina”, que consiste em estimular o turismo religioso na Paraíba, a partir de um conjunto que tem apoio do governo do Estado, através da PBTUR e do Sebrae. O projeto se estenderá a outros Estados do Nordeste, que se tornaram os caminhos e palcos de suas ações. A proposta é criar um roteiro para contribuir com o desenvolvimento e o fortalecimento espiritual, cultural e econômico na região.

Embora muita coisa tenha mudado em Santa fé, que hoje constitui o Santuário de Santa Fé, ainda é preservada as antigas construções, as quais dividem espaço com o anfiteatro do Santuário, uma creche para as crianças da localidade e um museu que apresenta um seu acervo artefatos daquela época.

O acervo museológico expõe a história daquele local transformando o objeto – testemunho em objeto-diálogo, ao passo que os artefatos lá dispostos permitem fácil compreensão aos visitantes (BITTENCOURT, 2003, P. 106-107).

Segundo Lemos (2004) O Patrimônio Cultural de uma sociedade ou de uma região ou de uma nação é bastante diversificado, sofrendo permanentemente alterações (LEMOS, 2004. P.21) Mediante todas essas mudanças ocorridas em Santa Fé, ao longo do tempo a casa de caridade não seja utilizada para os mesmos fins do passado, continua sendo um importante Patrimônio Histórico cultural, pois nos possibilita conhecer muito do seu passado. Sendo assim o Patrimônio Histórico cultural de forma geral representa a história de um povo, de uma cidade, país ou nação, e dada essa importância, tudo o que faz parte ou compõe o Patrimônio deve ser preservado. O patrimônio de Santa Fé que engloba histórias de luta em favor dos menos favorecidos, de fé e caridade foi a bandeiras de luta do Padre Ibiapina e seus colaboradores.

Na atualidade, o Santuário de Santa fé atrai muitas pessoas em busca de curas, de agradecimentos ou apenas conhecer a história do Padre, que ajudou a muitos através da casa de caridade.

O turismo religioso está colaborando para melhorias econômicas para os moradores que comercializa seus produtos como também é mais um lugar de fé para aqueles que acreditam e pedem milagres.